

## TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

## A VISITA DE SENGHOR

*O grande poeta Senghor, Presidente do Senegal, está para chegar ao Brasil. Ele tem pelo nosso país uma simpatia e uma curiosidade genuínas. Senghor vem do português Senhor. A cultura portuguesa sempre o interessou, e principalmente a do Brasil, onde os valores lusos se mesclaram aos africanos de um modo particular.*

*Posso dar ao Ministro Leitão da Cunha e ao Presidente Castelo Branco uma informação absolutamente certa, que me veio por vias travessas, mas seguras, que eu não poderia revelar. Mesmo que o Embaixador do Senegal me desminta, ou o próprio Senghor, a verdade é esta: no momento em que se prepara para visitar nosso país Senghor está particularmente aborrecido com a notícia de que estudantes africanos, perseguidos pela Polícia portuguesa por lutarem pela libertação de sua terra, estão presos no Brasil.*

*Essa notícia apareceu, com certeza,*

*em jornais franceses, e seguramente foi transcrita em revistas e jornais africanos. A imprensa africana é particularmente sensível a tudo o que se relaciona com a luta anticolonialista. Não foram dez nem vinte vezes que me coube, no Marrocos, explicar a diplomatas e jornalistas africanos de diversos países a posição de nosso Governo em face da luta pela libertação de Angola. A tarefa não era difícil, porque, embora mal executada, falha e incoerente, a nossa política era, em sua linha geral, simpática à libertação dos territórios portugueses de ultramar. Isso, para os homens dos países recém-libertados na África, é um ponto sagrado. O próprio Governo do Marrocos, dos raros que ainda tinham relações com Portugal (embora o rei, ao receber as credenciais do Embaixador Bugalho, quebrasse àesperamente o protocolo desse tipo de cerimônia para manifestar sua esperança de que o Governo de Lisboa renunciasse à sua retró-*

*grada política de colonialismo) o próprio Governo do Marrocos, que recebia mal os políticos da oposição metropolitana portuguesa que fugiam para o Reino, acolhia de braços abertos e protegia abertamente todos os refugiados dos territórios da África portuguesa.*

*Mas voltemos a Senghor. A esta hora ele já deve saber também que, um dia depois de afirmar expressamente, em carta a um jornal, que o angolano José Lima Azevedo não estava preso, o Secretário de Segurança da Guantabara, Cel. Borges, foi obrigado a mandar vir esse preso à presença do Governador Carlos Lacerda! E na presença do Governador o preso afirmou que tinha sido torturado em um cárcere da Marinha!*

*Ora, esse homem veio para o Brasil, trazido pelo Itamarati, para terminar aqui seus estudos, que em Portugal não poderia fazer por estar visado pelo salazarismo. Africano, mas de cultura portuguesa,*

17. 9. 64

veio procurar aqui uma Pátria nova, mais vasta, mais livre. Foi prêso, foi torturado e continua prêso.

Um dos argumentos mais fracos e falsos usados para que o nosso Govêrno compre as concessionárias dos serviços de electricidade é o de que devemos honrar compromissos assumidos pelo Govêrno anterior. Fraco e falso argumento porque está provado que o Govêrno passado não chegou a assumir compromisso algum. Mas agora, aqui, êsse caso não me importa. Se o atual Govêrno está interessado mesmo em honrar compromissos assumidos em outras épocas por outros governos, que indignidade maior, mais elementar, mais grosseira, mais cruel poderia êle fazer do que prender e torturar aqui jovens que vieram para nosso País a convite de nosso Govêrno?

Já o caso dos chtneses (também vindos aqui em missão officiosa) tem péssima repercussão internacional. Se não queria-

mos mais aqui êsses chineses o máximo que poderíamos ter feito era mandá-los embora; êsse máximo era o mínimo de decência internacional. Mas os chineses, cotações dos chineses! São gente de longe demais, até dizem que não são gente como a gente, cada um de nós mata tranquilamente seu mandarim, pimenta em olho de chinês não arde, ainda mais chinês comunista que quando a gente diz — mata! — a Rússia diz — esfola! Mas José Lima Azevedo é angolano exatamente como poderia ser brasileiro; nêle estamos negando e traindo um verdadeiro irmão.

É possível que Senghor não diga uma palavra sobre êste assunto. Posso afirmar, entretanto, que o conhecimento que teve da prisão de africanos o deixou desgostoso e perplexo. Em meio à pompa das recepções e ao floreado dos discursos essa lembrança será para êle um espinho de remorso.